



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15570 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT13 - Educação Fundamental

EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL COM FORMAÇÃO NA PEDAGOGIA GRIÔ EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Luciana de Araújo Pereira - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

**EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL COM FORMAÇÃO NA PEDAGOGIA GRIÔ EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS**

---

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo é um desdobramento da pesquisa da Pesquisa Profissão Docente na Educação Básica da Bahia<sup>1</sup>, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica – DIVERSO, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Trata-se de um estudo que se propôs a compreender os fundamentos epistêmico-políticos da Pedagogia Griô e suas interfaces com as experiências pedagógicas de docentes do Ensino fundamental formados em Pedagogia Griô nas comunidades quilombolas Remanso/BA e Iuna/BA, situadas na zona rural de Lençóis/BA, na Chapada Diamantina, e é norteada pelas seguintes questões investigativas: quais os fundamentos epistêmico-políticos da Pedagogia Griô e suas interfaces com as Teorias Decoloniais? Como os professores da Educação Fundamental (Anos iniciais) que atuam nas Comunidades Quilombolas de Remanso e Iuna vivenciam a Pedagogia Griô nos modos de ser professor?

Este estudo também buscou caracterizar a Pedagogia Griô e suas relações com as teorias decoloniais; analisar os fundamentos da Pedagogia Griô e suas relações com os modos de ser, fazer e conhecer do professor da Educação Fundamental (Anos iniciais) nas comunidades quilombolas e analisar os modos de

ser, fazer e conhecer dos professores que atuam com a Pedagogia Griô nas Comunidades Quilombolas de Remanso-BA e Luna-BA.

## 2 ARCABOUÇO DA PESQUISA: CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PERCORRIDOS

A presente pesquisa está estruturada em seis capítulos e na introdução de cada um deles evoco a voz feminina negra de Conceição Evaristo, uma das vozes que representa o movimento decolonial por conta do seu esforço de caminhar na contramão do sistema-mundo e na produção de outras epistemologias. Início com o primeiro capítulo da pesquisa, intitulado ***Ainda assim, eu me levanto, prossigo e persigo***, abordando *minha escrevivência*, inspirada no poema “*Inquisição*”, de Conceição Evaristo (2014), um poema que demonstra a voz da ascendência negra a partir do lugar étnico-racial na sociedade brasileira, Ainda neste capítulo, considerando a perspectiva teórico-metodológica que nutre o trabalho, narro o percurso que me levou a focar na Pedagogia Griô e suas interfaces com os modos de ser professor da Educação Fundamental (Anos iniciais) em comunidades quilombolas e apresento alguns achados sobre a Pedagogia Griô e decolonialidade como resultado de um estado da arte realizado a cerca destas categorias.

No segundo capítulo, intitulado ***Outras rotas metodológicas, apesar das acontecências do banzo***, a partir dos versos do poema “*Apesar das acontecências do banzo*” (EVARISTO, 2014), apresento a entrevista narrativa alinhada a uma perspectiva decolonial enquanto perspectiva metodológica no contexto quilombola. Busco, também, contextualizar a pesquisa de campo, apresentando o desenho metodológico da investigação, situando o método, os dispositivos de pesquisa e a análise de dados, os colaboradores da pesquisa. Início-o situando epistemologicamente a entrevista narrativa destacando as suas contribuições para a pesquisa ao atribuir ao sujeito, à experiência e à memória um novo estatuto epistemológico e suas aproximações com a perspectiva decolonial.

Por sua vez, no terceiro capítulo, ***Educação escolar em contexto quilombola: (re)existências cotidianas***, movida pelo poema “*Todas as manhãs*” (EVARISTO, 2014, abordo o cenário da Educação Escolar Quilombola no Brasil e as políticas públicas educacionais voltadas para o fortalecimento e a valorização dos quilombos; o panorama histórico que envolve o processo reivindicatório por parte dos movimentos sociais antirracistas pela promoção de políticas públicas contra as desigualdades raciais.

O quarto capítulo, ***Educação Escolar Quilombola e a decolonialidade:***

**uma construção sem tijolos, nem vidros**, tomando como inspiração o poema “Bus” (EVARISTO, 2014 p. 55), abordo o pensamento decolonial como um pensamento que propõe refletir sobre opressão a partir do ponto de vista do oprimido, do sujeito colonizado, considerando seu lugar de fala, promovendo, assim, um movimento que rompe com o pensamento eurocêntrico; os conceitos abordados pela teoria decolonial, o movimento de insurgência configurado pelo giro decolonial e a Educação Decolonial como proposta decolonizadora do ser, do saber e do poder.

Na sequência, no quinto capítulo, intitulado **Pedagogia Griô: persistência da mística quilombola**, me inspiro no poema “Tempo de nos aquilombar” de Conceição Evaristo (2020) para destacar a Pedagogia Griô como viés para uma educação com ênfase nas relações étnico-raciais, que nasce no contexto que envolve as reivindicações dos movimentos sociais (Movimento Negro, Movimento Quilombola e outros movimentos antirracistas) em conjunto com a deliberação de políticas públicas voltadas para a Educação Escolar Quilombola como modalidade da Educação Básica e a vivência como um princípio do processo formativo da Pedagogia Griô.

Por fim, o sexto capítulo traz o resultado da pesquisa realizada nas comunidades quilombolas envolvidas no estudo, no qual se mostra como os/as docentes que atuam na Educação Fundamental (Anos iniciais) nas comunidades quilombolas de Remanso e Lúna vivenciam a Pedagogia Griô nos modos de ser professor/a.

Teoricamente, o trabalho está alicerçado em estudos que abordam categorias relacionadas à Pedagogia Griô, apresentada nos estudos de Pacheco (2006,2008, 2009,2010); e à decolonialidade, referenciada nas discussões empreendidas por Mignolo (2003); Quijano (2005); Maldonado Torres (2007) e Ballestrin (2013). Sobre educação e pedagogia decolonial os estudos de Walsh (2012) irão potencializar as discussões, as análises e as reflexões apresentadas na tese.

Em relação à metodologia, o estudo ancora-se, enquanto base epistemológica, na perspectiva qualitativa de pesquisa. A pesquisa narrativa aliada à perspectiva decolonial se configura como a opção teórico-metodológica para o desenvolvimento deste estudo. Aliadas, estas duas teorias possibilitaram compreender as condições pessoais e sociais, o lugar e a temporalidade – dimensões tridimensionais das narrativas, analisando-as, construindo novos saberes e refletindo criticamente sobre suas ações enquanto sujeito colonizado atuante em espaço também colonizado (a escola), a partir do que se pode apreender das narrativas.

Para coleta das narrativas dos docentes colaboradores desta pesquisa foram propostas a entrevista narrativa e rodas de conversa. Três eixos de análises mobilizam o presente estudo, tendo como centralidade as narrativas de docentes da Educação Fundamental (Anos iniciais): os modos de ser professor/a nas comunidades quilombolas a partir das aproximações/distanciamentos com a Pedagogia Griô; a relação entre os princípios da Pedagogia Griô e os modos de ser, fazer e conhecer dos professores e os elementos da cultura quilombola local e suas relações com as experiências pedagógicas no cotidiano escolar.

Os dados produzidos foram analisados a partir da abordagem compreensiva-interpretativa de Paul Ricoeur (2009). Trata-se de uma perspectiva de análise, segundo Souza (2014, p 43), busca apreender regularidades e irregularidades das narrativas orais e escritas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa e da formação, considerando, nesse processo, “a singularidade das histórias e das experiências existentes nas narrativas individuais e coletivas”.

## **2.1 Resultados e discussões da pesquisa**

Considerando os preceitos e ideais que constituem a proposta de educação no âmbito da perspectiva decolonial, a Pedagogia Griô, de acordo com Pacheco (2016, p.66), “é uma pedagogia embasada teórica e metodologicamente pelos saberes de tradição oral, pela arte e estética das tradições, pela Educação Dialógica de Paulo Freire, pela Educação para as Relações Étnico- Raciais e Africanidades e pela Educação Biocêntrica” e apresenta os seguintes princípios:

*I. Reconhecimento dos saberes, fazeres de tradição oral como estruturante para a afirmação e fortalecimento da identidade e ancestralidade do povo brasileiro.*

*II. Valorização da diversidade étnico-cultural, identidade e ancestralidade do povo brasileiro através da efetivação de suas referências teórico-metodológicas e de marcos legais na área da educação e cultura.*

*III. Empoderamento da sociedade civil organizada no papel de mediadora do diálogo entre conteúdos e práticas pedagógicas da educação pública formal com os saberes, fazeres e práticas pedagógicas da tradição oral da comunidade;*

*IV. Fortalecimento da capacidade de auto-organização e de inclusão social da comunidade através da criação de espaços de gestão compartilhada e de redes sociais de base, afetivas e culturais, de transmissão oral;*

*V. Reconhecimento dos saberes e fazeres e do lugar sócio cultural, político e econômico dos (as) griôs, mestres e mestras de tradição oral na educação, por parte de sua própria comunidade de pertencimento;*

*VI. Necessidade de priorizar um sistema diferenciado de repasse financeiro público de forma simples, direta, transparente e descentralizada para os(as) griôs, mestres e mestras, e griôs aprendizes, que reconheça a especificidade e singularidade do universo da tradição oral. (PACHECO, 2016, p. 68)*

Assim, apresenta-se como uma pedagogia aliada da perspectiva decolonial por propor a consideração e a utilização dos conhecimentos tradicionais, ancestrais e culturais das comunidades quilombolas e com isso, parte da ecologia de saberes e possibilita a visibilização de saberes específicos de grupos subalternizados como os quilombolas; questionar e transgredir elementos da configuração modernidade/colonialidade (o universal e o global perdem a centralidade e dividem a importância com o local e o particular); por validar não apenas o conhecimento científico, mas também os demais conhecimentos tradicionais; por promover o acolhimento e o direito à diferença ao não considerar os sujeitos de uma comunidade quilombola como sujeitos fora do padrão estabelecido; por se tratar de uma pedagogia cujos princípios sugere a construção de uma sociedade outra, em que as escolas de educação básica representam espaços fundamentais nessa construção por atuarem na transgressão da colonialidade do saber, do poder e do ser.

A Pedagogia Griô também se apresenta como uma pedagogia aliada da perspectiva decolonial por ser idealizada a partir e para as reais necessidades de grupos marginalizados no intuito de garantir que toda diferença possa dialogar nos mesmos espaços com igualdade e garantir que a educação nos espaços em que habitam esses grupos seja efetivada e promova cada vez mais transgressões nos currículos escolares, ao invés de manter a proposta de um desenvolvimento unilinear e unidirecional cuja epistemologia consiste em definir/ separar/ invisibilizar sujeitos e conhecimentos a partir de um processo de hierarquização racial.

Outro aspecto que possibilita considerar a Pedagogia Griô como uma pedagogia que se aproxima de uma pedagogia decolonial é o fato de dialogar com a Lei 10.639/03 e todas as reivindicações de que ela trata. Tal Lei é um instrumento inspirador de outras ideologias, metodologias e epistemologias, pois com ela é possível desenvolver uma pedagogia decolonial, promovendo uma descolonização dos currículos, afinal o seu surgimento já é um acontecimento decolonial, visto que ela foi fruto de reivindicações históricas de militantes do Movimento Negro, de forma que seus documentos propõem uma subversão às tradições curriculares, que na maioria das vezes constroem um lugar de conversa único, ancorado na ideia de que o conhecimento científico marcadamente

eurocêntrico dará conta de todas as questões presentes numa escola, que ainda é reprodutora das discriminações étnicoraciais.

A docência nas comunidades Remanso/BA e Luna/BA é construída a partir de um misto de sensações entre o ideal e o real. Isto porque o professor revela através de sua narrativa a consciência de que o ideal é uma docência que possa trazer (unir) para sua prática, conforme proposto pela Pedagogia Griô, os saberes da comunidade. Contudo, por ser um ser colonizado (colonialidade do ser), que atua em um espaço também colonizado, a sua prática acaba forjada pelas amarras de uma epistemologia que deslegitima outras formas de conhecimentos (colonialidade do saber e do poder).

No que diz respeito às aproximações/distanciamentos dos modos de ser professor aos princípios da Pedagogia Griô, pode-se perceber que um dos elementos da Pedagogia Griô trazido para a prática pedagógica dos docentes colaboradores deste estudo foi a roda de vivências que, naquele ambiente escolar, parece ser o único momento libertador, insurgente observado na prática docente e depois ele retorna a mesma estrutura de ensino que deve ser ofertado sem uma perspectiva de algo neste processo de ensino que faça valer a ideia de uma pedagogia que leve em conta a vivência dos alunos em diálogo com as vivências do ser docente promovendo, assim, um diálogo intergeracional, como a Pedagogia Griô propõe.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No tocante às experiências pedagógicas de docentes da Educação Fundamental (Anos iniciais) com formação na Pedagogia Griô que atuam nas comunidades quilombolas Remanso e Luna/BA, o que se percebe é que as experiências pedagógicas destes docentes estão emaranhadas nos *fiões* da colonialidade. Apesar de revelarem reconhecer a importância de uma experiência pedagógica que considere o trabalho com oralidade, identidade, valorização da cultura local etc., apresentam uma experiência pedagógica com marcas de uma formação docente baseada em uma pedagogia tradicional. Ou seja, embora considerem a importância de uma experiência pedagógica que leve para o ambiente escolar saberes ancestrais, apresentam uma prática docente ainda intrincada às bases de uma formação tradicional.

Esse cenário permite trazer à baila a discussão sobre decolonialidade por evidenciar uma prática docente em que os professores assumem sua formação inicial em uma pedagogia tradicional (eurocêntrica), mas que se permitiram ingressar na formação em uma pedagogia que dialoga com o que propõe a pedagogia decolonial: a Pedagogia Griô, uma pedagogia que se vale de bases

teóricas e metodológicas que têm origens em tradições e mitologias muito diferentes daquelas tradições que regem os comportamentos culturais hegemônicos.

A metodologia elencada para esta pesquisa foi suficiente para o seu desenvolvimento. Desenvolvimento este que partiu do *contar histórias* de docentes (narradores) atuantes em escolas da Rede Municipal de comunidades quilombolas envolvidas no contexto da Pedagogia Griô para buscar compreender as interfaces entre os fundamentos epistêmico-políticos da Pedagogia Griô e os modos de ser professor/a do Ensino Fundamental (Anos iniciais) nas comunidades quilombolas Remanso/BA e Iúna/BA.

Esse movimento de pesquisa possibilitou perceber que a prática docente nas escolas das comunidades Quilombolas estudadas, além de se apresentar entrelaçada nos *fiões* da colonialidade, se apresenta, também, caracterizada por alguns pontos de convergência e de divergência e por aproximações no que tange à sua relação com os princípios e as práticas da Pedagogia Griô, aspecto que acaba por colaborar para a não efetivação da Pedagogia Griô nestas escolas por configurar uma prática docente que ainda não se mostra totalmente fundamentada na singularidade dos sujeitos da comunidade e suas experiências.

## REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 11, p. 89-117, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

EVARISTO, Conceição. Poemas - Brasiliana. **Journal for Brazilian Studies**, v. 3, n.1, jul. 2014. Disponível em. Acesso em: 15 mar. 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser, contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GOSFROGUEL, Ramón (Comp). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre, 2007. P. 127-167.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Descolonización y el giro des-colonial. *Tabula Rasa*, n. 9, p. 61-72, 2008.

MIGNOLO, Walter. *Historias, locais/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal. 2003.

PACHECO, Líllian. **Pedagogia Griô**: a reinvenção da roda da vida. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

PACHECO, Líllian. Lei Griô: a vez e a voz da cultura popular. **Revista Presente**. Ano 16, p.57. Editora Loyola, São Paulo. 2008. ISSN 1808-0669

PACHECO, Líllian. **Nação Griô. O Parto Mítico da Identidade do Povo Brasileiro** Org. Líllian Pacheco e Márcio Caires. Grãos de Luz e Griô. Lençóis, Bahia. 2009.

PACHECO, Líllian; SANTINI, Alexandre. **Grãos de Luz e ação Griô: articulação, formação, patrimônio, identidade, as tradições da oralidade na cultura brasileira**. Almanaque Cultura viva, 2010.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Tradução de Júlio César Casarin Barroso Silva. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

SOUSA, Maria Goreti.; CABRAL, Carmem Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2014. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/149-Texto%20do%20artigo-822-1-10-20151220%20(2).pdf. Acesso em: 4 maio 2021.

WALSH, C. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2012.

**Palavras-chave:** Experiências pedagógicas; Educação Fundamental (Anos iniciais); Pedagogia Griô; Decolonialidade; Pesquisa narrativa.